

O USO DE ESPAÇOS DIVERSIFICADOS DE APRENDIZAGEM COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA NAS AULAS DO ENSINO BÁSICO

Tânia Lúcia da Costa ¹

INTRODUÇÃO

O exercício da prática docente, nos dias atuais, tem exigido cada vez mais dos professores a utilização de novas estratégias pedagógicas que superem as velhas práticas do ensino tradicional e despertem o interesse dos estudantes em sala de aula (Silveira et al., 2014). Nesse cenário, a diversificação dos espaços de aprendizagem tem se mostrado uma alternativa eficaz para motivar os alunos e integrar os conteúdos teóricos com as práticas pedagógicas (Viveiro; Diniz, 2009), auxiliando na leitura de mundo dos estudantes e na compreensão de fenômenos biológicos.

No ensino de Biologia, um dos grandes desafios é ensinar aos estudantes conceitos que, muitas vezes, não fazem parte de seu cotidiano e, por isso, não são bem assimilados (Duré et al., 2018). Contudo, temas como as questões socioambientais tornam-se cada vez mais urgentes de serem abordados em sala de aula. Nesse contexto, realizar aulas de Ciências e Biologia em ambientes naturais pode contribuir para superar a fragmentação do conhecimento (Seniciato; Cavassan, 2004) e promover uma maior aproximação dos estudantes com a realidade ambiental de reservas, refúgios naturais e jardins botânicos, sensibilizando-os para as causas ambientais.

Em espaços naturais, a abordagem da biodiversidade vegetal e animal por meio de aulas de campo torna-se um instrumento metodológico eficaz para o envolvimento e a motivação dos estudantes em relação à mudança de postura. Essa vivência agrega valores e estimula o sentimento de pertencimento, além de desenvolver um pensamento crítico-científico voltado à proteção e à manutenção dos recursos naturais (Vieira et al., 2022). Além disso, proporciona a consolidação dos conteúdos trabalhados em sala de aula por meio do contato direto entre teoria e prática, permitindo que os estudantes estabeleçam relações concretas com o que está sendo observado.

As atividades fora do ambiente escolar também oferecem oportunidades para práticas de ensino interdisciplinares, envolvendo a colaboração entre diferentes docentes.

¹Doutora pelo Curso de Botânica da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, tanieluciacosta@gmail.com



Essa abordagem contribui para a redução das resistências à realização de aulas de campo, uma vez que muitos membros da equipe escolar ainda as associam a simples passeios (Viveiro; Diniz, 2009). Entre outros entraves, destacam-se as dificuldades financeiras e logísticas das instituições e o receio, por parte de alguns professores, de perder o controle da turma ou a existência de alguma situação inesperada em ambientes externos. Tal insegurança pode desmotivar esses profissionais a incorporarem atividades extraclasse em seus planejamentos didáticos (Oliveira; Correia, 2015).

Ambientes acadêmicos de pesquisa, museus, reservas florestais, entre outros espaços educativos, devem ser explorados sempre que disponíveis para a visita de estudantes e educadores, pois contribuem significativamente para o trabalho docente ao retorno à escola. Além disso, promovem aulas mais dinâmicas, prazerosas e criativas, favorecendo o estreitamento dos laços de confiança e amizade entre professores e alunos — sentimentos que são levados de volta para a sala de aula e para além dos "muros da escola" (Viveiro; Diniz, 2009).

Diante disso, este trabalho teve como objetivo analisar os benefícios da exploração de ambientes fora da sala de aula no aprofundamento de conteúdos curriculares da disciplina de Biologia, com estudantes do Ensino Médio de uma escola pública. Buscou-se ampliar o conhecimento desses estudantes sobre a fauna e a flora da Mata Atlântica, as relações ecológicas nesses ecossistemas e a importância do uso consciente dos recursos naturais, além de possibilitar o aprofundamento de outras temáticas por meio de uma abordagem interdisciplinar.

METODOLOGIA

As aulas de campo foram realizadas com estudantes dos 2º e 3º anos do Ensino Médio, com idades entre 16 e 18 anos, de uma escola pública estadual localizada na região metropolitana do Recife. A primeira experiência de campo ocorreu em uma reserva florestal particular, conhecida como Refúgio Ecológico Charles Darwin (RECD), situada no município de Igarassu, litoral norte de Pernambuco, a 34 km da capital. A área possui 60 hectares de remanescente de Mata Atlântica (Magalhães et al., 2007). Trata-se de uma reserva sem fins lucrativos, fundada na década de 1950. Entre seus principais atrativos estão as águas cristalinas dos rios e a fauna e flora exuberantes e preservadas. O RECD foi criado com o objetivo de garantir áreas de descanso e reprodução para espécies nativas



da região. Em 1987, iniciou-se a sistematização de suas atividades como centro de pesquisa, com ênfase em conservação e preservação de florestas, pesquisas científicas e educação ambiental.

Antes da visita ao campo, os estudantes participaram de aulas expositivas sobre a diversidade da fauna e flora remanescentes da Floresta Atlântica, bem como sobre suas características climáticas e geomorfológicas. Receberam, ainda, um roteiro prévio para a aula prática, a fim de facilitar a observação dos elementos bióticos e abióticos durante a visita. No campo, realizaram anotações, registros fotográficos e tiveram contato com animais da fauna local. A trilha, feita com a colaboração de um professor de Geografia, contou com instruções de segurança e orientações sobre a preservação ambiental, dadas pelo guia da reserva. Após a visita, os estudantes produziram um relatório de aula prática baseado em suas anotações, fotografias e percepções. Debates em sala de aula e seminários em grupo sobre conservação, relações ecológicas e diversidade também foram propostos como desdobramentos da experiência.

A segunda atividade extraclasse ocorreu no Museu de Arqueologia e Ciências Naturais da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), localizado no Recife. O museu abriga duas exposições permanentes: “Do Passado ao Presente” e “Do Mar ao Sertão”. A visita guiada proporcionou aos estudantes uma experiência imersiva, com interação direta com elementos históricos e naturais dos biomas de Pernambuco. Após a visita, os alunos também elaboraram relatórios relacionando os conteúdos das disciplinas de Biologia e História. Foi promovido um debate interdisciplinar como estratégia de avaliação, abordando os ecossistemas marinhos e florestais do estado, além de aspectos do período do Pleistoceno, dos mamíferos gigantes, dos primeiros hominídeos da América do Sul e da cultura de uma comunidade indígena que viveu no Agreste de Pernambuco há cerca de 2.000 anos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a visita à reserva, os estudantes observaram características geomorfológicas da área, exploradas com o apoio do docente de Geografia. Notaram as diferenças de gradientes na mata, influenciadas pela presença de um rio que atravessa o fragmento florestal. Identificaram, no campo, fungos e líquens previamente estudados em sala, além de espécies vegetais e animais da Mata Atlântica. Esse contato direto despertou



curiosidade sobre os hábitos das espécies e sobre a biodiversidade da região. Os alunos demonstraram maior motivação após a experiência, buscando informações adicionais e realizando suas próprias pesquisas, o que evidencia a relevância das aulas de campo na consolidação dos conhecimentos teóricos (Viveiro; Diniz, 2009).

A experiência também estimulou o senso crítico dos estudantes, que debateram temas relacionados à Biologia da Conservação e às questões socioambientais. Foram capazes de propor estratégias de conservação, evidenciando o sentimento de pertencimento aos ecossistemas visitados e compreendendo o impacto das ações antrópicas nesses ambientes, especialmente na Mata Atlântica, altamente fragmentada (WWF, 2024). Ressaltaram, ainda, que os livros didáticos utilizados no 2º e 3º anos não abordam conteúdos específicos sobre os ecossistemas do estado de Pernambuco, o que reforça a importância das aulas de campo como estratégia para superar a fragmentação do conhecimento (Seniciato; Cavassan, 2004).

A visita ao museu também foi bastante produtiva, especialmente considerando que mais de 90% dos alunos estavam visitando um museu pela primeira vez — e, ainda, um ambiente acadêmico. Os estudantes interagiram com os objetos expostos e aprenderam sobre seu contexto histórico e natural. A experiência foi enriquecida pela participação da professora de História, que conduziu reflexões sobre os sítios arqueológicos e os modos de vida das populações indígenas que habitaram o estado. Tais atividades também contribuem para a redução das desigualdades sociais, ao proporcionar o acesso a espaços culturais que valorizam a formação integral dos estudantes (Vieira et al., 2022).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudantes apresentaram bom desempenho em todas as produções escritas, seminários e debates realizados em sala, relacionados aos temas interdisciplinares trabalhados durante as visitas. Os resultados confirmam que esse tipo de atividade contribui para a melhor compreensão dos conteúdos teóricos da disciplina de Biologia e de outras áreas, como Geografia e História, ao integrar teoria e prática por meio de experiências significativas fora do ambiente escolar. Os alunos demonstraram maior envolvimento e se perceberam como parte ativa do processo de ensino e aprendizagem. Isso reforça a importância de proporcionar aos estudantes aulas mais dinâmicas, dentro e



fora da escola, reafirmando que essas ações podem constituir uma importante ferramenta metodológica para os docentes na consolidação da aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DURÉ, R. C; DE ANDRADE, M. J. D; ABÍLIO, F. J. P. Ensino de Biologia e contextualização do conteúdo: Quais temas o aluno de ensino médio relaciona com seu cotidiano? **Experiências em ensino de Ciências**, v. 13, n.1, p.259-272, 2018.

MAGALHÃES, V.S; AZEVEDO JÚNIOR, S.M; LYRA-NEVES, R.M.; TELINO-JÚNIOR, W.R; SOUZA, D.P. Biologia de aves capturadas em um fragmento de Mata Atlântica, Igarassu, Pernambuco, Brasil. **Revista Brasileira de Zoologia**, v. 24, n. 4, p. 950-964, 2007.

OLIVEIRA, A.P.L; CORREIA, M.D. Ensino e aprendizagem através do registro das aulas de campo utilizando Diários de Bordo. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, v.15, n.3, 2015.

SENICIATO, T; CAVASSAN, O. Aulas de campo em ambientes naturais e aprendizagem em ciências – um estudo com alunos do ensino fundamental. **Ciência & Educação**, v. 10, n. 1, p. 133-147, 2004.

SILVEIRA, R.M.P; CRESTANI, D.M; FRICK, E.C.L. Aula de campo como prática pedagógica no ensino de geografia para o ensino fundamental: proposta metodológica e estudo de caso. **Revista Brasileira de Educação Geográfica**, v. 4, n. 7, p. 125-142. 2014.

VIEIRA L; DOMINGOS, P; MORELLI, K.A. Aula de campo no ensino de biologia: acesso sonogado a estudantes da escola pública de periferia. **Ciência em tela**, v. 15, 2022.

VIVEIRO, A.A; DINIZ, R.E.S. Atividades de campo no ensino das ciências e na educação ambiental: refletindo sobre as potencialidades desta estratégia na prática escolar. **Ciência em tela**, v. 2, n. 1, 2009.

WWF. 2024. Disponível em: <https://www.wwf.org.br/?88721/Cerca-de-97-da-Mata-Atlantica-e-formada-por-partes-menores-que-cinquenta-hectares>. Acesso em 27 de maio de 2025.

